



O NEOFASCISMO NO BRASIL, DO LOCAL AO GLOBAL?

Neo-Fascism in Brazil, from the Local to the Global?

Odilon Caldeira Neto^a

 <https://orcid.org/0000-0001-5926-528X>

E-mail: odilon.caldeira@ufjf.br

^a Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas,
Departamento de História,
Juiz de Fora, MG, Brasil.

DEBATE

NEOFASCISMO NO BRASIL/NEO-FASCISM IN BRAZIL/NEOFASCISMO EN BRASIL

RESUMO

O artigo discute o quadro do neofascismo no Brasil, analisando as suas fases de desenvolvimento e os diálogos com movimentos e expressões congêneres no campo internacional. O argumento central da análise é que o neofascismo, no Brasil, é um fenômeno tardio e potencialmente peculiar, e por essas razões, isso acarreta particularidades do ponto de vista da interlocução com as estruturas globais dessas expressões. Além disso, o artigo fornece uma discussão sobre a definição do neofascismo como categoria de análise – e a sua distinção com o fascismo histórico - a partir da condição global dessas expressões.

PALAVRAS-CHAVES

Neofascismo. Transnacionalismo. Extrema direita.

ABSTRACT

This article discusses the landscape of neo-fascism in Brazil, analyzing its phases of development and dialogs with similar movements and manifestations in the international arena. The central argument of the analysis is that neo-fascism in Brazil is a late and potentially unique phenomenon and therefore has its own particular characteristics in terms of its interaction with the global structures of these manifestations. The article also offers a discussion of the definition of neo-fascism as a category of analysis—as well as its distinction from historical fascism—based on the global nature of these manifestations.

KEYWORDS

Neo-fascism. Transnationalism. Far right.

A ultradireita é um fenômeno global. Esta percepção parece ser uma das principais convergências entre a opinião pública e o campo de estudos das expressões do extremismo e do radicalismo de direita¹ entre os séculos XX e XXI.² Além de uma percepção imediatista, fixada a partir da emergência de novas lideranças, assim como do avanço eleitoral dos partidos populistas de direita radical, a análise da ultradireita como objeto global está ancorada em referências mais afastadas em termos cronológicos, algo plenamente abordado pela literatura especializada no tema.

Em certa medida, muito do debate sobre a faceta transnacional da extrema direita é caudatária ao desenvolvimento dos estudos sobre o fascismo histórico/clássico, situado no recorte temporal do entre guerras. Em termos analíticos, a dimensão transnacional do fascismo adquiriu forte consenso nas últimas décadas, seja por uma perspectiva de abordagem, mas também pela sua dimensão factual, isto é, a constatação das estratégias que os fascistas utilizavam para se articular internacionalmente.

Por meio de organizações como a *Fasci Italiani all'Estero* ou mediante o diálogo entre lideranças e militantes fascistas, existiu um sentido de cooperação transnacional no fascismo clássico, de modo que os fascismos foram simultaneamente nacionais e transnacionais, embora “europeístas” em sua grande maioria (BAUERKÄMPER; ROSSOLINSKI-LEIBE, 2016).

Além do consenso transnacional (ALCADE, 2020) construído há tempos nos estudos sobre os fascismos, nos últimos anos se intensificou o esforço para compreender o fascismo como fenômeno global (FINCHELSTEIN, 2019), isto é, para além de exclusivismos europeus. De acordo com esta perspectiva, mais que entender os espaços e elementos dos fascismos a partir de uma característica global de análise (JACOBY, 2006), a literatura especializada passou ao desenvolvimento de uma matriz analítica crítica às tentações eurocêntricas (ZACHARIAH, 2014) e, dessa maneira, compreendendo os fascismos extra-europeus como criadores de propostas políticas concretas, e não mero reprodutores de teorias importadas.

Embora a dimensão global do fascismo aparenta ser uma preocupação em pleno desenvolvimento e, quiçá, um potencial novo consenso, talvez essa medida não se aplique de modo tão nítido no campo de estudos sobre o neofascismo, dada a particularidade do objeto.

A partir disso, é necessário pontuar algumas breves questões preambulares. À medida que o fascismo clássico declina a partir de 1945, os intelectuais e as forças políticas fascistas passam a caminhar de modo efetivo àquilo que Pierro Ignazi (1992) denomina como nova extrema direita, incorporando novas bandeiras e promovendo formas efetivas de afastamento à “condição” e ao estatuto fascista.

Este debate foi fortemente influenciado pelo quadro político italiano, onde o Movimento Sociale Italiano construiu o trânsito do neofascismo ao pós-fascismo. Inicialmente, se o MSI buscava a incorporação do arcabouço doutrinário do Partido Nacional Fascista, a transformação em *Alleanza Nazionale* conjugou a defesa do liberalismo político e econômico, o apego ao individualismo e ao ocidentalismo, aspectos

¹ Em relação a este debate, a contribuição de Carter (2018) é fundamental para a o refinamento dessas categorias. Aqui, utilizamos sobretudo o quadro geral proposto por Mudde (2019), especialmente na distinção entre direita radical e extrema direita. No quadro brasileiro, a distinção adquire viabilidade particularmente em relação ao sentimento antidemocrático como combinação entre o anti pluralismo e a negação dos direitos fundamentais dos cidadãos. A questão do nativismo, contudo, nos parece particularmente problemática para a realidade brasileira e a tradição histórica da extrema direita.

² Isso não exclui, claro, um debate, por vezes demasiadamente acalorado, sobre qual a dimensão do impacto e perigo dessas expressões. Sobre este assunto, conferir a crítica desenvolvida em Bale e Bar-On (2022).

caracterizantes desta condição pós-fascista. Dessa maneira, na leitura de Ignazi (1994), o partido estaria vinculado ao campo da nova extrema direita de caráter pós-industrial.³

Este é um fenômeno que se intensifica de modo nítido ao longo dos anos 1970, com o aumento da capacidade eleitoral de partidos como o Front National francês, o Partido da Liberdade Austríaca, entre outros. A partir dos anos 1980, a pauta anti-imigração e as medidas neoliberais se transformam em elementos unificadores dos partidos de direita radical e de seu contingente eleitoral, e reacendem, na opinião pública e no debate acadêmico, as perguntas sobre as relações desses grupos com o fascismo histórico (KARAPIN, 1998).

Seriam estes partidos neofascistas? Esta não é uma questão que este artigo tem por objetivo responder, inclusive porque a literatura especializada já avançou neste debate. O objetivo deste texto é compreender o desenvolvimento do neofascismo, no Brasil, a partir da chave interpretativa do transnacionalismo e de uma hipotética dimensão global do fenômeno. Para isto, é necessário considerar duas questões centrais: (a) o neofascismo tem um estatuto próprio de desenvolvimento, não sendo um mero apêndice de continuidade ou dos resquícios do fascismo clássico e de suas redes transnacionais e/ou globais; (b) o aspecto transnacional do neofascismo tem ritmos e esferas próprias, fruto de aspectos conjecturais e das ambições de grupos e lideranças neofascistas, assim como de afinidades temáticas mais ou menos pontuais.

O NEOFASCISMO E O DESAFIO DO TRANSNACIONALISMO

Seja em páginas da imprensa, do cotidiano político e até em repositórios acadêmicos, é fácil constatar a diversidade de significados na utilização do termo “neofascismo”. Por várias vezes este uso incorpora o traçar de uma linha divisória no campo moral e político contra expressões políticas à direita. Por essas razões, é necessário compreender o neofascismo, distante das categorias de denúncia e desqualificação política, tão comuns nos usos políticos do termo.

Em termos acadêmicos, se faz necessário, também, o afastamento das interpretações reducionistas do neofascismo, tal qual proposto por autores como A. James Gregor (2006), que reduzem o neofascismo às continuidades do modelo italiano. Concordamos com Jeffrey M. Bale (2006), que critica as leituras sobre o neofascismo com foco excessivo na experiência do fascismo clássico, e que, na busca incessante pelas similaridades, por vezes ignoram as novas facetas caracterizantes do neofascismo. De fato, para além de um anexo do fascismo clássico, o neofascismo precisa ser analisado como um fenômeno plural, em constante tensão, e não raramente caótico.

A partir de indagações afins, e olhando historicamente o fenômeno, a contribuição de Nigel Copsey (2020) é fundamental, pois caracteriza o neofascismo a partir de três características à reformulação do fascismo no pós-guerra: a desterritorialização, a metapolitização e o revisionismo histórico. Essas três características trazem elementos de continuidade, mas também de distensão ao fascismo em seu modelo “clássico”.

A desterritorialização, aspecto trabalhado também por Andrea Mammone (2001) é nítida no surgimento do nacionalismo pan-europeista, a metapolitização – inspirada nos cânones da Nouvelle Droite – é importante para pensar o neofascismo além das estruturas políticas formais, e o revisionismo histórico surge como forma de lidar com o passado traumático dos fascismos e promover a literatura negacionista do holocausto. Essa taxonomia é útil, pois evita também as definições de cortes mais subjetivos, como de Walter

³ Isso não exclui, claro, a permanência de uma cultura política comemorada e engendrada por tendências neofascistas diversificadas (LENCI, 2012) na Itália, inclusive por novas manifestações, tendo a Casa Pound Itália (CPI), e a busca de um “fascismo do terceiro milênio” (FROIO *et al.*, 2020) como a sua faceta mais conhecida nos últimos anos.

Laqueur (1996), que interpreta o neofascismo, após o fracasso de grupos continuístas, sobretudo como um estilo de vida alternativo.

Em termos “tipológicos”, o neofascismo é compreendido como um fenômeno com características que ultrapassam elementos fundamentais e organizativos do fascismo histórico, tais como o partido, o regime, ou modelo de Estado. Esta proposição está afinada com a tipologia de Roger Griffin (1991), para quem o neofascismo comporta três grandes categorias fundamentais. A primeira dela são os grupos continuístas, tais como o MSI (em sua fase inicial) e o Sozialistische Reichspartei (1949) alemão, além de grupelhos neofascistas e neonazistas com referência aos países de origem dessas matrizes ideológicas.

O segundo grupo são organizações que incorporam as práticas de agrupamentos internacionais a partir de uma inspiração fascista, tais como entidades neonazistas fora da Alemanha, grupos supremacistas brancos, skinheads neonazistas (os autodenominados White Power, em especial), assim como iniciativas de ambição internacional, como o Círculo Español de Amigos da Europa (CEDADE), etc. Em geral, uma das principais diferenças entre as duas primeiras categorias é o índice de “fidelidade” ao modelo organizativo do fascismo clássico, característica mais forte no primeiro grupo.

O terceiro grupo traz uma grande diversidade de organizações, cujo principal foco de aglutinação é uma dimensão mais intelectual de resgate – e diversificação – das origens fascistas. De negacionistas do holocausto a grupos nacional-revolucionários (ou nacional-anarquistas), a principal expressão desta categoria, que se intensifica a partir dos anos 1960, é revolução conservadora planteada pela Nova Direita Europeia (NDE), cuja principal referência é a matriz francesa de Alain de Benoist.

A essas questões, adiciona-se outros componentes no cenário neofascista, tais como o gramscismo de direita empreendido pela Nouvelle Droite, assim como a atuação de grupos nacional-bolcheviques, liderados por figuras como Eduard Limonov e, principalmente, Aleksandr Dugin. São a partir dessas questões que, na leitura de Jeffrey Bale (2002), os anos 1960 serão marcados por uma espécie de “virada à esquerda” (a partir da pauta anti-imperialista e anti ocidentalista) para algumas organizações neofascistas, como a Jeune Europe e da Nouvelle Resistance, ambas lideradas por Jean-François Thiriart.

Além disso, o fenômeno de hibridização (FORTI, 2021), por meio de questões como o antiamericanismo, evidenciaria novas interfaces para o neofascismo. Isso fica nítido inclusive no contexto pós-Guerra Fria e desmantelamento da URSS, em especial nos territórios e conflitos pós-soviéticos, que marcariam uma terceira fase de desenvolvimento das tendências neofascistas e afins (VEIGA *et al.*, 2019).

Assim, há mudanças notáveis do ponto de vista da relação entre o neofascismo e os fascismos “clássicos”. O neofascismo não pode ser analisado e mapeado apenas do ponto de vista do revivalismo das matrizes clássicas pelos grupos continuístas, mas é um componente em constante transformação a partir das afinidades erigidas por meio de um quórum ideológico fundamental, que também se desenvolvem desde o fim da segunda guerra mundial.

Além desse fenômeno de “novas facetas”, existe uma dimensão organizacional da questão, como proposta a partir do conceito de groupuscular right de Griffin (2003). Essa direita grupuscular é definida não somente pelo seu aspecto fragmentado, mas também mediante similaridade ideológica por meio desta natureza política comum, que rejeita a primazia do modelo democrático (liberal) e se orienta, em termos estratégicos, por uma via não-institucional e metapolítica, quando não raramente anti-institucional, isto é, contrária aos partidos políticos.

A condição fragmentada não é certamente um fruto dos esforços dos grupos neofascistas, mas resultado da conjuntura política, que inviabiliza, não raramente até por meios legais, qualquer forma de política voltada às massas pelas organizações neofascistas. De fato, em geral o campo da ultradireita tende a privilegiar o populismo de direita radical em detrimento às várias faces do neofascismo. De todo modo, o caráter fragmentado, policêntrico e rizomático do neofascismo, sem grandes grupos ou lideranças, fornece o aspecto de um substrato ideológico, que é reivindicado e incorporado, de modo distinto por várias organizações.

Para Anna Cento Bull (2012), é possível delinear fases relacionadas ao neofascismo. A primeira fase, no imediato pós-Segunda Guerra Mundial ao contexto da agitação da Guerra Fria, é pautada em torno de organizações continuístas e da interlocução transnacional de criminosos de guerra. A segunda fase é a agitação pós-1968, com o fortalecimento de grupos de terceira-via, a influência de autores como Julius Evola e o apelo às estratégias gramscistas. A terceira fase, atual, é a relação de neofascistas com os partidos de direita radical.

Independente das categorias e fases que são delineadas pela literatura mencionada, fato é que este é um debate que incorpora, em grande medida, apenas as especificidades europeias e norte-americanas do neofascismo. Seria o neofascismo um fenômeno não existente na América Latina? Se os estudos do fascismo clássico, com razão, consideram a condição transnacional e global em seu campo, os estudos sobre o neofascismo também deveriam fazê-lo?

É evidente que a dimensão europeísta (e pan-europeísta) é fundamental nos arranjos neofascistas a partir de 1945. O caso de Francis Parker Yockey, a sua relação com Oswald Mosley, a ideia de “Imperium” em sua principal obra, ou mesmo o propósito de formação do European National Front é taxativo (COOGAN, 2002). De fato, este neofascismo estava a pensar a partir de uma realidade europeia, em contexto da Guerra Fria, mas sobretudo em torno de um estatuto político (e étnico-diferencialista) em torno da imaginação sobre o continente europeu. E essa condição inicial foi reificada de maneiras distintas – mas convergentes – nas fases subsequentes do neofascismo europeu e norte-americano.

Sem cair na tentação de menosprezar a existência de fortes redes e conexões no neofascismo europeu (HIERRO, 2021), é necessário questionar: existe o neofascismo na América Latina? Ele tem uma relação mais ou menos direta com essas novas facetas do neofascismo internacional, estruturado ao longo de décadas? Qual a relação efetiva desse neofascismo, na conjuntura política mais recente? Utilizamos, aqui, o caso brasileiro para análise.

O NEOFASCISMO NO BRASIL: UM FENÔMENO TARDIO?

Efetivamente, não é possível considerar o Brasil como único polo produtor, apropriador ou irradiador de organizações e tendências neofascistas na América Latina. Alguns estudos demonstram, inclusive, que países como a Argentina (FINCHELSTEIN, 2014; GRINCHPUN, 2021) e o Chile (DEUTSCH, 2009) foram importantes focos de produção de premissas no contexto do pós-fascismo e do neofascismo, mesmo durante as ditaduras militares, inclusive em perspectivas metapolíticas.

Mas tomamos o caso brasileiro como referência, por considerar a importância do país na geopolítica regional e, principalmente, pelo fato de o Brasil ter sido palco da maior organização política fascista extra europeia, a Ação Integralista Brasileira (TRINDADE, 1974), entidade que formalizou uma organização política de massa e se integrou, de modo efetivo, ao campo do transnacionalismo fascista (BERTONHA, 2014; GONÇALVES, 2018).

Contudo, o fascismo em moldes institucionais desaparece antes do início da Segunda Guerra Mundial, a partir da conflituosa relação com Getúlio Vargas após o golpe do Estado Novo e as disputas políticas que acabam por tornar o integralismo brasileiro uma atividade política marginal.

Embora seja possível olhar a história do fascismo no Brasil além dessas instituições e organizações, é importante considerar suas trajetórias para compreender as dinâmicas que vão impactar o neofascismo no país. No contexto do pós-guerra, a principal organização de cunho integralista será o Partido de Representação Popular, entidade que se movimentou a partir de questões típicas do contexto pós-fascista, mas não chegou a propor uma via tipicamente neofascista.

Em linhas gerais, o integralismo a partir de 1945 propunha um resgate de valores do fascismo clássico, todavia incorporando um discurso democrático, por meio de valores conservadores a partir da relação e influência do salazarismo e da democracia cristã portuguesa (GONÇALVES, 2018). Assim, embora tenha sido, sem dúvida, um partido integralista e com referências ao contexto e premissas do fascismo clássico (CALIL, 2001) esses arranjos prezavam por uma aparência de “desfascistização”, típica do contexto pós-fascista, mas não do continuísmo neofascista.

No contexto da ditadura civil-militar (1964-1985), a participação integralista é diminuta, inserida em algumas instituições e organismos do regime autoritário, mas sem impor uma agenda própria nessas esferas. Assim, embora tenha existido a organização de grupos de extrema direita, com atividades violentas e que buscavam radicalizar o autoritarismo militar, não existiram grupos tipicamente neofascistas (em sua grande diversidade) de impacto durante o período.

Desta maneira, no Brasil, o contexto neofascista passa a se desenvolver a partir de dois marcos fundamentais: a morte do líder integralista Plínio Salgado (1975) e a transição democrática (1985). Com a morte de Plínio Salgado, surge o fenômeno neointegralista (CALDEIRA NETO, 2021), baseado principalmente no sentido do continuísmo neofascista. Por mais que os grupelhos neointegralistas discordassem em termos estratégicos e de modos de organização, o sentido de retomada da matriz do fascismo clássico era majoritário neste campo.

Outro fator que explica a característica “tardia” do neofascismo brasileiro não tem relação direta com o contexto (neo)integralista, embora vá impactar esses grupos. A partir do processo da transição democrática, o fenômeno da “direita envergonhada” (RODRIGUES, 1987) impactará a articulação de forças políticas à direita. De modo aparentemente paradoxal, esse fenômeno coexiste com uma transição conservadora, que de imediato não fornece qualquer meio jurídico e legal de discussão sobre a experiência ditatorial, assim como a relação da sociedade civil (e da classe política) com a ditadura. Assim – daí o paradoxo mencionado - o campo conservador se abstrai de menção significativa à sua natureza política à direita, mas permanece ativo no campo político democrático apesar dos vínculos com o passado recente autoritário.

No campo do radicalismo e extremismo político, o impacto da combinação entre transição conservadora e direita envergonhada abre um precedente (ou espaço político) para a articulação de grupos de extrema direita, inclusive neofascistas. Portanto, no Brasil, não é durante a ditadura civil-militar, mas sim ao longo da transição democrática que o neofascismo passa a efetivamente se organizar em estratégias diversificadas – ou seja, não apenas continuístas – e buscar formas de articulação na arena internacional do neofascismo.

Assim, se este “neofascismo tardio” certamente não se aplica irrestrito às fases propostas por Anna Cento Bull (2012) – e certamente todo modelo tem suas exceções –, é a partir da transição democrática que o neofascismo no Brasil produz novas facetas e

clivagens similares ao modelo tripartido descrito por Nigel Copsey (2020), assim como suas possibilidades de interlocução internacional. Em suma, é a partir dos anos 1980 que o neofascismo é um fenômeno efetivamente quantificável e ligeiramente relevante.

O NEOFASCISMO NO BRASIL: ENTRE O LOCAL E O GLOBAL

A articulação e interlocução internacional do neofascismo no Brasil está definida a partir de fases e questões ideológicas. Isto é condicionado tanto por questões de ordem técnica (como a utilização da internet), mas também pelo surgimento de novas tendências afiliadas à diversidade do neofascismo não exclusivamente continuísta.

Deste modo, é possível traçar algumas linhas de análise a partir desse tópico. Ao longo dos anos 1980 e 2000, o cenário neofascista brasileiro é composto por grupos neonazistas, neointegralistas e negacionistas do holocausto. Como se verá adiante, a capacidade de internacionalização de cada grupo é ditada por sua natureza ideológica, sendo algumas mais afeitas a processos de internacionalização, outras restritas ao campo local.

A partir dos anos 2000, o cenário neofascista é ocupado majoritariamente pelos grupos neointegralistas, com a diminuição de atividades de grupos negacionistas, especialmente por questões jurídicas, assim como um movimento de recuo do neonazismo, que se torna um fenômeno sem grupos nitidamente organizados. É um momento de fixação do neointegralismo como referência ao neofascismo brasileiro, contudo com baixo índice de interlocução no campo global.

Ao longo da década de 2010 (e até a atualidade) o neofascismo, no Brasil, passa por um intenso processo de diversificação e radicalização, inclusive como reflexo do surgimento de uma nova direita radical, sintetizada em parte nos grupos envolvidos no processo eleitoral de Jair Bolsonaro. Com isso, o cenário neofascista traz a presença de grupos continuístas e não-continuístas, metapolíticos, negacionistas, entre outros, significando um cenário mais plural e internacionalizado ao neofascismo brasileiro.

O NEONAZISMO: DO “CONTINUÍSMO” AOS SKINHEADS

As primeiras organizações neonazistas surgidas foram marcadas pelo continuísmo e a tentativa de criação de um partido neonazista. Estas iniciativas eram lideradas por Armando Zanine Jr., um militar reformado, que durante a ditadura havia circulado por grupelhos de inspiração fascista e partidos da direita conservadora. Em 1985, Zanine Jr. buscou articular a fundação do Partido Nacional-socialista Brasileiro e conquistou uma relativa proeminência midiática com a iniciativa. Em 1990, idealizou o também neonazista Partido Nacionalista Revolucionário Brasileiro. Ambas as organizações tinham um forte componente antisemita e defendiam a eugenia da população brasileira, contudo se apresentavam como grupos “não-racistas”.

A tentativa de criação de um partido neonazista não era uma novidade exclusivamente brasileira no continente, como foi o caso do efêmero Partido Nacional Socialista paraguaio (ARDITI, 1989) e do Partido Nuevo Triunfo de Alejandro Biondini, na Argentina. De toda maneira, não foi possível constatar, na análise dos documentos dos grupos liderados por Armando Zanine, qualquer traço de diálogo internacional entre eles. Ainda que o líder do grupo mencionasse à imprensa⁴ que o grupo teria apoio não-financeiro de neonazistas da Europa, não há indícios que dão sustentação a esta afirmação.

⁴ Nazista brasileiro faz lista para formar partido. *Jornal do Brasil*, 27 mar. 1988, p. 5.

De fato, o baixo índice documental produzido pelos “partidos” neonazistas de Zanine Jr.⁵ - que se reduziam exclusivamente ao manifesto, a documentação dos órgãos estatais de segurança e ao apelo midiático (desmedido) do líder neonazista – podem ser notados como entraves para a análise. Mas há dois pontos que parecem ser importantes para considerar o baixo índice de internacionalização do grupo.

O primeiro deles é o aspecto “tardio” do neonazismo continuísta, que adquire uma ligeira proeminência no continente europeu no imediato pós-1945, mas não nos anos 1980, de modo que os grupos brasileiros estavam dessincronizados. De certo, grupos neonazistas do tipo continuam a existir inclusive na atualidade, mas não eram o foco de produção majoritária do campo neofascista.

Já a segunda hipótese explicativa parece ser a mais relevante, relacionada à dimensão multiétnica do Brasil e de um arquétipo de nacionalidade. A noção da dimensão mestiça da nacionalidade brasileira é uma referência global. Dessa maneira, por qual razão grupos neonazistas continuístas mais organizados (partidos políticos, em especial) apoiariam um grupelho neonazista dos trópicos que não apresentava robusta capacidade organizativa e, principalmente, tinha um discurso nitidamente difuso em relação à questão racial?

Neste caso, a relação dos skinheads neonazistas é diametralmente oposta. Os primeiros agrupamentos White Power surgidos ao longo dos anos 1980 reproduziam *ipsis litteris*, o corpo essencial da simbologia e os valores de outros grupos e tendências naziskins internacionais. Evidentemente, alguns processos de adaptação eram realizados para a busca de uma especificidade do nacionalismo branco em determinadas regiões do país, especialmente nas regiões sul e sudeste, como indicam as pesquisas de Alexandre de Almeida (2004).

De todo modo, o cenário naziskin possibilitou ao menos duas integrações no campo internacional do neonazismo em vertente skinhead. Um dos eventos mais enfáticos foi a criação de uma seção brasileira do grupelho Blood and Honour, que utilizava os meios digitais para divulgação. Ao que tudo indica, a célula brasileira surgiu como um subproduto do transnacionalismo do grupelho na América Latina, cujas células na Argentina e no Chile estavam mais bem desenvolvidas (ALCANTARA, 2015), inclusive com um reconhecimento por parte da matriz britânica.⁶

No site do grupo, eles se apresentavam como a divisão São Paulo/Argentina, e frisavam a condição étnica como componente para esta associação: “All of them are descendents of Europeans and have been involved in the movement for many years”, assim como buscavam assentar uma ideia de pureza racial em contraposição a outras regiões do país: “Brazil is too large a country (with an extension bigger than the whole European continent [...]) the population in the northern part of Brazil is mainly non-white. Therefore, it would be illogical to open a B&H; division denominated by their country of origin (Brazil).”⁷

De fato, a relação entre grupos naziskins entre Brasil e Argentina foi um instrumento encontrado para estes grupelhos brasileiros romperem com os imperativos multiétnicos da população brasileira. O grupo Divisão 18, por exemplo, foi uma organização naziskin simultaneamente brasileira e argentina (ALMEIDA, 2013).⁸

É evidente, também, que os grupos naziskin (e similares) se nutrem das facilidades dos meios digitais para a interlocução com grupos internacionais e dinâmicas

⁵ “Falange Patriótica”. Arquivo Nacional: BR.DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.80010429.

⁶ “Blood & Honour Southland is an official division of B&H/C18, where the best skinhead elements from Argentina and Chile meet”. Blood and Honour Worldwide. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160325181958/http://www.skrewdriver.net/worldindex.html>. Acesso: 10 jul. 2021.

⁷ Blood & Honour: Divisão São Paulo/Argentina. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20070219044818/http://www.bloodandhonoursp.com>. Acesso: 12 fev. 2021.

⁸ A existência de uma rede virtual de diálogo entre argentinos e brasileiros é notada também por Dilton Maynard (2014).

transnacionais. Mais recentemente, a aproximação de alguns neonazistas brasileiros com grupos ucranianos como o Batalhão Azov⁹ ou, mais especificamente, o Misanthropic Division, rendeu tentativas de criação de uma divisão brasileira do Misanthropic Division. De acordo com denúncia do Ministério Público Federal,¹⁰ uma das iniciativas foi desenvolvida inicialmente por meio da rede social "VK", por iniciativa de um naziskin vinculado ao Impacto Hooligan, um grupelho brasileiro.

Dessa maneira, do ponto de vista do neonazismo ligeiramente articulado, são os skinheads que fornecem algum grau de interlocução internacional e reprodução de mecanismos globais, todavia sempre dispostos em termos de grupelhos poucos articulados politicamente. Em comparação às propostas de tentativas de criação de partidos políticos neonazistas, é possível auferir que os skinheads são menos impactados pelo aspecto tardio do neofascismo brasileiro.

Em certa medida, isto é auxiliado pela disparidade temporal pouco marcante, pois o naziskin é um fenômeno internacional em crescimento na segunda metade da década de 1970 (VIÑAS, 2022) e o “poder branco” brasileiro se inicia logo nos anos 1980. Além disso, a dinâmica de cultura juvenil dos skinheads – neonazistas ou não – trazem uma possibilidade de maior maleabilidade do fenômeno, que incorpora questões locais em compasso com as demandas globais do fenômeno, como sugere o estudo de Ryan Shaffer (2017) sobre o caso britânico.

De toda forma, são grupos minoritários e com pouco impacto político, marcados pela intensa efemeridade e por uma rejeição à interlocução política mais efetiva, embora alguns deles tenham feito acenos eventuais a lideranças políticas da direita radical, como Enéas Carneiro e Jair Bolsonaro (a partir de 2011).

NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO

Em certa medida, o início do fenômeno neofascista no Brasil outorga a capacidade de diálogos internacionais àqueles grupos que não buscam uma especificidade brasileira (tal como os grupos neointegralistas). Os fenômenos não assentados em termos de nacionalidade (ou, simplesmente, desterritorializados) são naturalmente mais propensos à possibilidade de interlocução e circulação transnacional. Esse é um quadro também verificável no negacionismo do holocausto.

O principal veículo negacionista, no Brasil, foi a Editora Revisão, fundada em 1985 por Siegfried Ellwanger Castan, engenheiro brasileiro de ascendência alemã. Aproveitando as discussões sobre censura e liberdade política que marcaram a transição democrática, a Editora Revisão funcionou como uma espécie de hub negacionista e antissemita, veiculando literatura internacional e brasileira, de autores vinculados ao fascismo clássico, mas também às expressões mais recentes (CALDEIRA NETO, 2012).

A partir de então, entidades judaicas e antirracistas passaram à disputa judicial contra o editor negacionista. O “caso Ellwanger” perdurou até 2003, quando o Supremo Tribunal Federal negou o pedido de Habeas Corpus (HC 82424), condenando o negacionista pelo crime de racismo. Ao longo destes anos, por conta dessas questões, a Editora Revisão conquistou ampla publicidade e se tornou referência para grupos diversos da extrema direita brasileira, assim como buscou uma interlocução internacional efetiva.

⁹ Esse é um ponto particularmente bastante explorado pelos meios de imprensa internacional. Ver: LEAHY, Joe. Brazil neo-nazi claim challenges Myth of Nation's Racial Harmony. The Financial Times, Disponível em: <https://www.ft.com/content/f9ee01ca-ce49-11e6-864f-20dcb35cede2>. Acesso: 12 mai. 2020.

¹⁰ Ministério Público Federal: Ação Penal – Procedimento Ordinário (283) No 5000562-48.2021.4.03.6181 / 1ª Vara Criminal Federal de São Paulo.

A venda dos livros negacionistas era realizada por métodos pouco convencionais, como reembolso postal e fax, a partir de um impresso de divulgação. A partir dos anos 2000, o site da Editora passa a ser instrumento de divulgação de textos e os livros editados – ou impressos – pela editora. Esses materiais traziam uma listagem de obras de autores negacionistas brasileiros, títulos antissemitas não negacionistas (como “O judeu internacional” de Henry Ford e “As forças secretas da Revolução”, de León de Poncins), além de obras negacionistas de estrangeiros, como Robert Faurisson (“Quem escreveu o Diário de Anne Frank?”), C. W. Porter (“Eram Inocentes”), Richard Harwood (“Morreram realmente seis milhões?”) e Louis Marschalko (“Os conquistadores do mundo”).

Aliado a essa incursão na transnacionalidade dos autores negacionistas, a Editora providenciou o processo de tradução das obras de autoria de Siegfried Castan. “Holocausto: Judeu ou Alemão?”, por exemplo, foi traduzido nos idiomas inglês, espanhol e alemão. O esforço de tradução e os embates judiciais forneceram instrumentos políticos valiosos para a Editora Revisão e a articulação no campo internacional do negacionismo do holocausto, como a L'Association des Anciens Amateurs de Récits de Guerres et d'Holocaustes (AAARGH) fundada em 1996.

O AAARGH era um site que, originalmente, estava exclusivamente em francês,¹¹ de orientação antissemita e negacionista do holocausto. Além da divulgação de textos negacionistas de diversos autores, tinha seções de arquivos dedicados a Robert Faurisson e Paul Rassinier, autores negacionistas franceses mais proeminentes, além de textos em apoio a outros negacionistas como Roger Garaudy.

No site principal, havia uma lista de links a outros sites negacionistas, mas não havia menção ao site da Editora Revisão. A única referência em língua portuguesa era ao site “Página de Freiheit”, veículo brasileiro que divulgava conteúdo neonazista, negacionista e supremacista branco, mas que negava ter relações com Siegfried Castan e a Revisão.

A partir de 2005, o AAARGH passou a editar um boletim trimestral de “crítica histórica” em português. Intitulado “O Revisionismo em Língua Português (sic)” e com o lema “Não acredite. Pense.”, o boletim era forjado a partir da publicação de autores negacionistas e de críticos¹² ao negacionismo, visando o tom de pluralidade democrática.

Siegfried Castan publicou em algumas edições (n. 1, n. 3, n. 5) do boletim, mas o caso judicial envolvendo a Revisão constou em outras oportunidades, até a última edição do boletim (n. 8, 2008). No site principal do AAARGH em português, eram listados alguns conteúdos negacionistas produzidos por brasileiros, notadamente Siegfried Castan e o militar reformado Sérgio Oliveira, segundo nome da editora.

Além das referências à Revisão, o site da AAARGH trazia links ao portal “Inacreditável”, um dos principais difusores de conteúdo negacionista na internet brasileira, ainda ativo. Entre os livros da Revisão disponibilizados para download em PDF, alguns deles traziam marcas que denotavam o processo de digitalização e divulgação dos livros: o site Valhalla88, apresentado como “o maior portal nacional socialista da América do Sul na Internet” era “responsável” pela divulgação de “Acabou o Gás!”. Já “Holocausto Judeu ou Alemão?” e “O massacre de Katyn” (de Sérgio Oliveira), trazia a marca do Nuevo Orden, portal neofascista (e negacionista) espanhol.

Essa circulação (ou reconhecimento) em ambientes ibero-americanos é nítido em outros espaços, como o site da Libreria Europa,¹³ do negacionista espanhol Pedro Varela,

¹¹ L'Association des Anciens Amateurs de Récits de Guerres et d'Holocaustes Disponível em: <http://aaargh.vho.org/fran/fran.html>. Acesso: 01 fev. 2022.

¹² O Revisionismo em Língua Português. Disponível em: <http://aaargh.vho.org/port/revport/revport.html>. Acesso: 15 out. 2021.

¹³ Libreria Europa. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070331051016/http://personal.redestb.es/lib.europa>. Acesso: 17 nov. 2021.

que trazia na página inicial do site, uma lista de referências de sites negacionistas em outros idiomas: The Journal of Historical Review (Institute for Historical Review), site de Ernst Zündel, e o site da Editora Revisão, com seu slogan “Conferindo e divulgando a História”. Assim como Castan, Pedro Varela se envolveu em questões judiciais devido ao negacionismo do holocausto.

Esse reconhecimento por negacionistas internacionais era algo efetivamente almejado por Siegfried Castan. Inspirado em iniciativas internacionais, a Editora Revisão buscou criar organismos institucionais negacionistas, como o Centro Nacional de Pesquisas Históricas (CNPH), fundado em 1992 e nitidamente inspirado no modelo norte-americano do Institute for Historical Review. Efetivamente, o Centro era um mero órgão de agraciamento interno da Editora e seus autores, aprofundando a práxis negacionista de autocitação e referência hermética entre os pares. De toda maneira, o CNPH buscava dar grau de autenticidade, premiando livros como “O livro branco sobre a conspiração mundial”, panfleto antissemita de Sérgio Oliveira.

Até o fim do processo judicial, a Editora Revisão se tornou o epicentro e a difusora da literatura negacionista internacional no Brasil. Com o fechamento da editora e a morte de Siegfried Castan em 2010, esse fenômeno recrudescer efetivamente, embora existam alguns veículos que buscam retomar esse legado, a partir de sites como “Inacreditável” e “O Sentinela”, mas ambos com baixa incidência de internacionalização.

NEOINTEGRALISMO: AGITAÇÃO LOCAL E INTERNACIONAL

O neointegralismo, como afirmado, se desenvolve anteriormente (desde 1975) e paralelamente aos demais fenômenos do neofascismo brasileiro. Em alguns momentos, as tendências neonazistas e negacionistas se relacionam pontualmente com grupos neointegralistas. Estes grupos eram liderados pelo advogado Anésio de Lara Campos Jr., que era simultaneamente integralista, negacionista do holocausto, próximo a grupos continuístas neonazistas de Armando Zanine Jr. e buscava mobilizar skinheads neonazistas ou nacionalistas não racistas (os carecas). Essas relações conflituosas no campo neofascista plural impuseram uma série de restrições políticas aos grupos neointegralistas ao longo dos anos 1990, que podem ser sintetizadas em três componentes.

Em primeiro lugar, a disputa pela liderança do neointegralismo. Em geral, os grupelhos neointegralistas trazem figuras de liderança que buscam orientar o integralismo para o século XXI em sua totalidade, e não apenas um ou outro grupelho. Isso engendra uma nítida disputa entre aqueles que postulam, às suas maneiras, o papel de “novo Plínio Salgado”.

A segunda característica de tensão interna diz respeito às releituras que estes grupos promovem. Todos eles são continuístas, mas estabelecem nítidos processos de seleção do legado integralista e apagamento de alguns matizes. O principal deles é o antissemitismo (CALDEIRA NETO, 2014), visto que gera uma questão complexa, que envolve desde questões jurídicas (na relação com o negacionismo do holocausto), assim como uma possível predileção à ala mais radical do integralismo clássico, liderada por Gustavo Barroso, e mais afeita ao nacional-socialismo alemão.

A terceira questão, derivada do debate sobre o espaço do antissemitismo no neointegralismo, diz respeito à relação com outros grupos neofascistas, da extrema direita e do nacionalismo de direita. Os grupos mais radicais e antissemitas se aproximam de tendências como naziskins e negacionistas do holocausto. Outros grupos neointegralistas mais católicos, se aproximam de grupos brasileiros participantes do universo católico de feição tradicionalista, como a TFP (Tradição, Família e Propriedade) ou de pequenos entes de cunho monárquico.

Por essas razões, a conjuntura neointegralista durante os anos 1980 e 1990 foi marcada por disputas e tensões internas. Isso será ligeiramente resolvido a partir dos anos 2000, com a formação de alguns grupelhos, alguns deles existentes até a atualidade. É a partir deste processo em que haverá uma ligeira centralidade do neointegralismo no campo neofascista local, mas com baixa incidência de diálogos internacionais, inclusive por causa do resgate do discurso integralista multiétnico.

Os diálogos internacionais eram bastante pontuais. Em 1995, o integralismo foi objeto de reportagem na revista *Vorderste Front: Zeitschrift für politische Theorie & Strategie*,¹⁴ periódico vinculado à *Junge Nationaldemokraten* (Juventude Nacional Democrática), órgão juvenil do alemão NPD (Nationaldemokratische Partei Deutschlands). De acordo com Lukas Novotny (2009), o periódico fazia parte um esforço da extrema direita alemã, particularmente associada ao neonazismo, no estímulo de no-go areas, isto é, espaço com baixa ou nula presença de imigrantes. Essa estratégia era inspirada em práticas vinculadas à *International Third Position* (ITP) e particularmente à italiana *Terza Posizione*. Ao fim da matéria, que não mencionava qualquer grupelho neointegralista, havia uma pequena nota mencionando a ITP.

Três anos após esse primeiro contato, a ITP surge em ambientes exclusivamente neointegralistas (CARNEIRO, 2012). O primeiro registro impresso ocorre no periódico *Idade Nova*, em janeiro de 1999. O manifesto/declaração da ITP é destaque na capa do periódico e ocupa duas páginas do pequeno jornal, fruto de “uma responsabilidade que assumimos perante companheiros ingleses”.¹⁵ O texto seria cortesia da *Final Conflict*, revista da ITP, mediante *Legionary Press*, entidade responsável pela tradução de textos doutrinários da extrema direita para o inglês, que são agraciados com a mensagem “Thank you comrades, God bless the national revolution around the world!!!”. Após dezoito meses, o mesmo registro aparece o boletim do Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI), em junho de 2000.¹⁶

A utilização da internet possivelmente foi o elemento central para viabilizar este diálogo. O CEDI, grupo liderado pelo estudante Marcelo Mendez, foi o primeiro grupelho neointegralista a investir nos meios digitais, com sites além do material impresso. Esse esforço é nítido, pois o site oficial do ITP incluiu, a partir de 1999, uma referência ao site do CEDI, na seção “Central and South American” em uma extensa lista de links de grupos próximos (não filiados) ao ITP.¹⁷ No mesmo período, a declaração de princípios do ITP em português (de Portugal) passou a ser exibida no site.¹⁸

Essa relação não foi adiante, pois Marcelo Mendez faleceu em 2000, em um ato de suicídio marcado por disputas com outros grupelhos e lideranças neointegralistas (CALDEIRA NETO, 2014), acabando com o CEDI. Além disso, a ITP também sucumbiu no início dos anos 2000, quando foi incorporada ao *English First Party* (BLAMIRE; JACKSON, 2006).

Após esse evento, o cenário neointegralista passou por uma tentativa de readequação – fosse em termos das disputas internas, mas também da relação com o meio digital. Em 2004, quando ocorreu o “I Congresso Integralista para o século XXI”, um dos oradores (Marcelo Silveira) fez alguns acenos a bandeiras do neofascismo transnacional, a partir da relativização (mas não negação explícita) do holocausto, e uma menção pontual

¹⁴ Die integralistische Bewegung Brasilien, *Vorderste Front: Zeitschrift für politische Theorie & Strategie*, n. 7, abril, 1995, p. 14-28.

¹⁵ *International Third Position*. *Idade Nova*, n. 2, janeiro/1999, p. 5-6.

¹⁶ *International Third Position*. *Informativo CEDI*, n. 9, junho/2000, p. 1-2.

¹⁷ Links. *International Third Position*. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20010409224959/http://itp.org/links.html>. Acesso: 12 mai. 2021.

¹⁸ Declaração de Princípios. <https://web.archive.org/web/20010815163357/http://itp.org/full10-port.html>. Acesso: 17 dez. 2021.

e ligeiramente crítica a Julius Evola, autor que até então não era reivindicado pelos círculos neofascistas brasileiros (CALDEIRA NETO, 2021).

Dos grupos neointegralistas que atuam no século XXI, a Frente Integralista Brasileira é o mais organizado deles, mas com tímida penetração internacional. Apenas em 2012 o grupo ensaiou alguma relação com alguns grupos internacionais¹⁹ a partir do eixo neofascista-tradicionalista, por meio de uma entidade de Relações Internacionais. Realizaram contatos com o Nation (Bélgica), o Movimento Social Republicano (Espanha) e a Action Française (França), assim como grupelhos latino-americanos. Na Venezuela, o Organización de Estudiantes Nacionalistas, e na Argentina, o Movimiento pela Identidad Nacional e o Partido Popular de la Reconstrucción. Mas nenhuma dessas iniciativas rendeu diálogos concretos.

No entanto, na última década o cenário neofascista brasileiro manifesta uma forte inclinação para o campo global, fenômeno que se amplia ao campo da ultradireita. Isso tensiona inclusive o campo neointegralista, tradicionalmente alheio ou pouco inclinado a essas ambições.

A Associação Cívico-Cultural Arcy Lopes Estrella (ACCALE), fundada oficialmente em 2017, é representativa destas mudanças. Conjugando a ideologia integralista a outras expressões da direita radical brasileira (como o Partido de Reedificação da Ordem Nacional, de Enéas Carneiro), o grupo adota uma estética mais juvenil, inspirada principalmente na Casa Pound Italiana (CPI). De fato, o grupo faz um aceno concreto à uma dimensão “evoliana” do neofascismo, utilizando camisetas com a frase “Revolta contra o Mundo Moderno” e traz elogios à CPI em seu site oficial²⁰. Na realidade, este é um fenômeno mais amplo, marcado pelo surgimento de grupelhos inspirados na matriz metapolítica do neofascismo internacional.

A METAPOLÍTICA: QUARTA TEORIA POLÍTICA E O IDENTITARISMO

O aumento de uma ambição transnacional do neofascismo brasileiro pode ser explicado por dois fatores. O primeiro deles é resultado do campo político da ultradireita, que de um lado converge para um processo de globalização em torno do projeto político de Jair Bolsonaro e de grupos de apoiadores mais radicais. À medida que o Brasil se insere efetivamente nessa agenda global, os grupos neofascistas vão buscar interlocuções, inclusive como método de sobrevivência em um cenário majoritariamente ocupado por grupos bolsonaristas.

O segundo fator, mais impactante em âmbito interno a esses grupos, diz respeito a uma dinâmica de pluralização do campo neofascista brasileiro, um fenômeno tardio, em certa medida condicionado pelo aspecto também tardio desse campo neofascista. A divisão tripartite (neonazistas, neointegralistas e negacionistas do holocausto), que caracteriza o campo entre 1980 e fim dos anos 2000, passa a ser modificado. Dessa maneira, estas novas expressões carregam consigo dinâmicas próprias de diálogos e ambições internacionais.

Na passagem para a década de 2010, começam a ser gestados os grupos que pensam a partir de dinâmica de metapolitização, fazendo referências concretas a autores como Alain de Benoist, Guillaume Faye e, em uma matriz eurásiana, Aleksandr Dugin. Estes grupos surgem como fruto de um esforço iniciado ao longo dos “Encontros Nacionais

¹⁹ VILLACIAN, Alexandre. Belgas e espanhóis felicitam a FIB pelos oitenta anos de luta do movimento integralista. *Ação!*, n. 8, 2012, p. 6.

²⁰ Casa Pound distribui 6 toneladas de ajuda alimentar para mais de 500 famílias italianas. ACCALE. 2021. Disponível em: <https://accale.org/blog/2021/04/06/draghi-mata-de-fome-a-italia-casa-pound-distribui-6-toneladas-de-ajuda-alimentar-para-mais-de-500-familias-italianas/>. Acesso: 15 set. 2021.

Evolianos”, realizados entre 2009 e 2014, que congregavam interessados em áreas como o tradicionalismo, perenialismo, filósofos dissidentes (e neofascistas) e de tendências da Nouvelle Droite. Mas, sem dúvida, o principal ponto de articulação era a quarta teoria política de Aleksandr Dugin.

Embora exista um debate profícuo sobre o caráter fascista (ou não) da quarta teoria política (UMLAND, 2010), os eventos evolianos – que tiveram a presença de Dugin, Alain Soral e Alberto Buela – deram vazão a grupos que estabelecem uma leitura fascizante desta “doutrina” política. Conjugando uma rejeição ao atlantismo e o apego ao terceiro-mundismo em uma dimensão palingenésica de ultranacionalismo, esta nova geração de militantes passa a traduzir obras de Julius Evola e Aleksandr Dugin, com uma editora de pequeno porte (Editora Austral, 2012).

Em 2015, é fundado o grupo Nova Resistência, de referência nacional-revolucionário, inspirada não somente no nome do grupo homônimo fundado por Christian Bouchet em 1991, mas também nas estratégias que buscam incorporar bandeiras à esquerda e à direita, na busca de uma síntese em torno da quarta teoria política. Não se trata, contudo, apenas de uma mera importação do estatuto francês ou russo, mas uma busca por adequação à realidade étnica e política brasileira, utilizando temas como miscigenação, religiosidades e matizes folclóricas diversificadas.

A Nova Resistência compõe uma expressão bem articulada do neofascismo brasileiro, seja em termos de estrutura (organização de eventos, presença em protestos nas ruas, capilaridade em um país de dimensão continental), assim como na interlocução internacional. Na ocasião do II Congresso Nacional do grupo em 2021, a NR foi saudada por diversas lideranças de grupelhos identitários, de terceira posição e neofascistas: Aleksandr Dugin, Christian Bouchet, Luca Boniardi (Radio Fenice Europa), Enrique D’Acedo (Editora Fides), Maxence Smaniotto (Revista Rébellion), Alejandro Vasquez e Israel Lira (Centro de Estudos Crisolistas e Juventude Nacionalista do Peru), Carlos Salazar (Círculo Patriótico de Estudos Chilenos e Indo-Americanos), José Alsina Calvés (Revista Nihil Obstat), Mickael (Egalité et Réconciliation), Manuel Rezende (Escudo Identitário).

Embora existam interlocuções pontuais com outros grupos do campo neofascista, tais como líderes de grupelhos neointegralistas, a NR se consolidou, até dado momento, como a referência de um polo “eurasiano” e de matriz multipolar do neofascismo brasileiro. As aparentes ambivalências e contradições do discurso político do grupo – à esquerda e à direita – não atrapalham, pelo contrário, auxiliam nesta fixação.

Por outro lado, a dimensão metapolítica traz um outro componente, que certamente não desenvolve uma perspectiva terceiro-mundista, mas dialoga com grupelhos e tendências do neofascismo brasileiro que vislumbram uma conexão (ou ligação direta) com um arquétipo identitário europeu. Estes são grupos muito diminutos, impactados fortemente pela condição multiétnica brasileira (e o mito da democracia racial na extrema direita nacional) e atuam exclusivamente online, mas que merecem ser analisados rapidamente.

A Legião Identitária, grupo existente entre 2016 e 2021 (SHIGUNOV, 2021), se definia “movimento identitário visando a preservação e fortalecimento da identidade e cultura eurodescendente da Região Sul do Brasil”. Trouxe alguns pontos que não eram costumeiros na extrema direita (neofascista ou não) brasileira, como a questão da imigração e as denúncias contra os perigos da “islamização”.

Mais que uma articulação internacional, o que mais impacta, neste caso, é uma circulação transnacional e apropriação de autores neofascistas e/ou da nova direita francesa, tais como Alain de Benoist, Dominique Venner e Guillaume Faye. O grupo criou um selo editorial online (Editorial Aquiles), e traduziu ao português brasileiro obras de Mark Willinger (“Geração identitária: uma declaração de guerra contra os 68tistas”) e de Alain de

Benoist e Charles Champetier (“Manifesto por uma renascença europeia”). A estética do grupo inclusive se apropria do *Génération Identitaire* francês.

O outro grupo que compõe o polo do identitarismo europeu é o Aurora de Ferro Com atuação online, o grupo é inspirado pelo congênere norte-americano *Archeofuturist Front* e tem uma relação aparentemente ativa com a matriz dos EUA. Inspirados pelas ideias da *Nouvelle Droite*, e principalmente pelo arqueofuturismo delineado por Guillaume Faye, o grupo promove uma tentativa de adaptação da referência metapolítica e identitária à condição brasileira. Embora seja um grupo inspirado exclusivamente na matriz europeia do identitarismo e da Nova Direita Europeia, o Aurora de Ferro busca adequar esses valores fundamentais (como a rejeição ao pluralismo e à modernidade) à dimensão autóctone brasileira e suas particularidades étnicas, privilegiando a matriz portuguesa da colonização brasileira e incorporando outras referências (como os *Bandeirantes*) no arquétipo de um novo homem nacional.

O grupo mantém uma parceria com a ACCALE, de modo que é possível aventar o processo de diálogo e circulação interna, fornecendo interfaces entre grupos costumeiramente assentados no polo continuísta/neointegralista e grupelhos que operam o transnacionalismo a partir da estratégia metapolítica.

Embora sejam grupos ainda muito recentes, a presença de grupelhos inspirados na quarta teoria política e em autores da nova direita europeia, indicam que, do ponto de vista do transnacionalismo, existe uma nova fase do neofascismo brasileiro, proporcionada por uma espécie de amadurecimento do campo formado tardiamente em comparação ao fenômeno internacional, notadamente europeu. Essa nova fase é caracterizada, principalmente, na utilização dos meios digitais para incorporação e diálogo, que tem se mostrado efetivos, embora ainda grupusculares.

CONSIDERAÇÕES

A partir desta análise, é possível afirmar que, no Brasil, os espaços do neofascismo são costumeiramente locais e globais. De fato, existe uma tendência à busca por diálogos internacionais desde o momento inicial da formação do campo neofascista no país. No entanto, esses esforços foram em grande medida frustrados por uma série de fatores. O primeiro deles, como afirmado, foi o fator tardio da formação do campo neofascista brasileiro. Isto levou à composição de um ligeiro descompasso, se observarmos, comparativamente, as fases e dinâmicas de desenvolvimento do neofascismo global.

Há fatores nitidamente autóctones que impactam a composição deste quadro, como a transição democrática, assim como a aparente centralidade de um modelo continuísta (neointegralista) que não advoga explicitamente a necessidade de uma interlocução internacional por excelência. Por outro lado, há dinâmicas externas que inviabilizam grande parte destes diálogos que foram tão profícuos na “era dos fascismos”.

Para além de fases do neofascismo internacional, a questão da identidade europeia e do pan-europeísmo como matizes fundamentais do neofascismo europeu e norte-americano impõe grandes barreiras para a apropriação destas variáveis no cenário neofascista brasileiro. De toda forma, na última década verifica-se a formação de diversos grupelhos neofascistas que se apropriam de dinâmicas e estratégias do campo internacional, conjugando as facetas globais às especificidades e ambições locais. O surgimento de grupelhos que operam não apenas nas perspectivas “desterritorialistas” e “revisionistas”, mas efetivamente “metapolíticas” é um forte indicativo desta nova fase.

Por fim, é importante ressaltar que estas dinâmicas diversificadas na relação (e tensão) entre o local e o global não significam, necessariamente, um grau de fragilidade em termos políticos, do neofascismo brasileiro, inclusive se comparado às tendências

internacionais. Nos últimos anos, o surgimento de grupelhos bolsonaristas (tais como grupos "ucranizadores" e o grupelho "300") que operam o sentido de apropriação de um imaginário político fascista - e de algumas credenciais antes restritas a grupelhos neofascistas - sinalizam uma possibilidade de diálogo mais efetivo dos grupelhos neofascistas brasileiros com outras tendências da extrema direita e direita radical brasileira. Neste sentido, o local proporciona uma capacidade de ganho político imediato, tornando secundária a perspectiva global.

Por essa razão, além da inserção internacional do neofascismo brasileiro no cenário neofascista global, é importante observar a forma como estes grupos são instados a participar em momentos de radicalização política e na busca por rupturas da ordem democrática, traço persistente no cenário da presidência de Jair Bolsonaro, mas que pode ser eventualmente ampliado a outros casos com algumas similaridades, como a mobilização de Donald Trump nos EUA. Assim, enquanto alguns grupos manifestam uma tendência mais forte às dinâmicas globais, outros atuam em busca de capital político local. Sendo assim, é um fenômeno simultaneamente local e global, e não raramente as duas condições convivem em tensão e em cooperação.

REFERÊNCIAS

ALCADE, Ángel. The Transnational Consensus: Fascism and Nazism in Current Research. *Contemporary European History*, v. 29, n. 2, p. 243-252, 2020.

ALCANTARA, Samoel. "Skinheads White Power na América do Sul: a internacionalização do discurso nacional-socialista da Blood & Honour". *Revista Espaço Acadêmico*, v. 14, n. 175, p. 18-26, 2015.

ALMEIDA, Alexandre de. Divisão 18: a identidade de resistência de uma organização Skinhead White Power Argentino – Brasileira. *Revista Contemporâneos*, v. 1, n. 11, p. 1-21, 2013.

ALMEIDA, Alexandre de. *Skinheads: os "mitos ordenadores" do Poder Branco paulista*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

ARDITI, Benjamin. Adiós a Stroessner: Nuevos espacios, viejos problemas. *Nueva Sociedad*, n. 102, p. 24-32, 1989.

BALE, Jeffrey M. Fascism and neo-fascism: Ideology and "groupuscularity". In: GRIFFIN, R. et al. *Fascism: Past and Present, West and East*. Stuttgart: Ibidem-Verlag, 2006, p. 78-86.

BALE, Jeffrey. National revolutionary groupuscule and the resurgence of left-wing fascism: the case of France's Nouvelle Résistance. *Patterns of Prejudice*, v. 36, n. 3, p. 24-49, 2002.

BALE, Jeffrey M.; BAR-ON, Tamir. *Fighting the Last War: Confusion, Partisanship, and Alarmism in the Literature on Radical Right*. London: Lexington, 2022.

BAUERKÄMPER, Arnd; ROSSOLINSKI-LEIBE, Grzegorz (eds.) *Fascism without Borders: Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe, 1918-1945*. New York/London: Berghahn, 2016.

BERTONHA, João F. *Integralismo: problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá: EDUEM, 2014.

BLAMIRE, Cyprian P.; JACKSON, Paul (eds.) *World Fascism: A Historical Encyclopedia*. Santa Barbara: ABC Clio, 2006.

BULL, Anna C. Neo-fascism. In: BOSWORTH, R. J. B. *The Oxford Handbook of Fascism*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição. *L'Ordinaire des Amériques*, v. 226, 2021.

CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p.1-27, 2012.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo*. Maringá: EDUEM, 2014.

CALIL, Gilberto G. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARNEIRO, Márcia R. da S. R. Uma velha novidade: o integralismo no século XXI. *Boletim do Tempo Presente*, n. 3, p. 1-26, 2012.

CARTER, Elisabeth. Right-wing extremism/radicalism: reconstructing the concept. *Journal of Political Ideologies*, v. 23, n. 2, p. 157-182, 2018.

CASALS I MESSEGUER, Xavier. *La tentación neofascista en España*. Barcelona: Plaza & Janés, 1998.

COOGAN, Kevin. Lost Imperium: the European Liberation Front (1949-54). *Patterns of Prejudice*, v. 36, n. 3, p 9-23, 2002.

COPSEY, Nigel. Neo-Fascism: A Footnote to the Fascist Epoch? In: IORDACHI, C.; KALLIS, A. (eds.) *Beyond the Fascist Century*. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.

DEUTSCH, Sandra M. Fascism, Neo-fascism, or Post-fascism? Chile, 1945-1988. *Diálogos*, v. 13, n. 1, p. 19-44, 2009.

FINCHELSTEIN, Federico. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina, 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. *The Ideological Origins of the Dirty War: Fascism, Populism and Dictatorship in Twentieth Century Argentina*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FORTI, Steven. *Extrema derecha 2.0: Qué es y cómo combatirla*. Madrid: Siglo XXI, 2021.

FROIO, Caterina et al. *CasaPound Italia: Contemporary Extreme-Right Politics*. London: Routledge, 2020.

GENTILE, Emilio. *Quien és fascista*. Madri: Alianza Editorial, 2019.

GONÇALVES, Leandro P. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

GREGOR, A. James. *The Search for Neofascism: The Use and Abuse of Social Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GRIFFIN, Roger. From Slime Mould to Rhizome: An Introduction to the Groupuscular Right, *Patterns of Prejudice*, v. 37 n. 1, p. 27-50, 2003.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London: Pinter Press, 1991.

GRINCHPUN, Boris M. Fascismo, diplomacia y academia. La recepción temprana de Julius Evola en Argentina, 1930-1970. *Melancolia*, v. 6, p. 141-164, 2021.

HIERRO, Pablo del. The Neofascist Network and Madrid, 1945-1953: From City of Refuge to Transnational Hub and Centre of Operations. *Contemporary European History*, v. 31, n. 2, p. 171-194, 2021.

IGNAZI, Piero. *Postfascisti? Dal Movimento sociale italiano ad Alleanza nazionale*. Bolonha: Il Mulino, 1994.

JACOBY, Tim. Global Fascism: Geography, Timing, Support, and Strategy. *Journal of Global History*, v. 11, p. 451-472, 2006.

KARAPIN, Roger. Review: Radical-Right and Neo-Fascist Political Parties in Western Europe. *Comparative Politics*, v. 30, n. 2, p. 213-234, 1998.

LAQUEUR, Walter. *Fascism: Past, Present, Future*. New York: Oxford University Press, 1996.

LENCI, Lenci. *A destra, oltre la destra: la cultura politica del neofascismo italiano, 1945-1995*. Pisa: Pisa University Press, 2012.

MAMMONE, Andrea. Revitalizing and de-territorializing fascism in the 1950s: The extreme right in France and Italy, and the pan-national ('European') imaginary. *Patterns of Prejudice*, v. 45, n. 4, p. 29-318, 2001.

MAYNARD, Dilton. Intolerância ao Sul da América: estudo comparado de grupos fascistas do Brasil e da Argentina na Internet (1996-2007). *Tempo e Argumento*, v. 6, n. 12, p. 54-84, 2014.

MUDDE, Cas. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019.

NOVOTNÝ, Lukás. Right-wing extremism and No-go-areas in Germany. *Sociologický Časopis/Czech Sociological Review*, v. 45, n. 3, p. 591-609, 2009.

PAYNE, Stanley. Review Article: Historic Fascism and Neofascism. *European History Quarterly*, v. 23, n. 1, p. 69-75, 1993.

RODRIGUES, Leôncio M. *Quem é quem na Constituinte: uma análise sociopolítica dos partidos e deputados*. São Paulo: OESP-Maltese, 1987.

SHAFFER, Ryan. *Music, Youth and International Links in Post-War British Fascism: The Transformation of Extremism*. London: Palgrave, 2017.

SHIGUNOV, G. H. "Nossa Guerra contra vocês": Identitarismo e o caso da Legião Identitária. Seminário Internacional História do Tempo Presente, IV. *Anais...* Florianópolis, p. 1-15, 2001.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Rio de Janeiro: Difel, 1974.

UMLAND, Andreas. Aleksandr Dugin's transformation from a lunatic fringe figure into a mainstream political publicist, 1980-1998: A case study in the rise of late and post-Soviet Russian fascism. *Journal of Eurasian Studies*, v. 1, n. 2, July 2010, p. 144-152, 2010.

VEIGA, Francisco *et al.* *Patriotas Indignados: Sobre la nueva ultraderecha en la Posguerra Fría – Neofascismo, posfascismo y nazbols*. Madri: Alianza Editorial, 2019.

VIÑAS, Carles. *Skinheads: historia global de un estilo*. Manresa: Bellaterra, 2022.

ZACHARIAH, Benjamin. A Voluntary Gleichschaltung? Indian Perspectives Towards a non-Eurocentric Understanding of Fascism. *The Journal of Transcultural Studies*, v. 5, n. 2, p. 63-100, 2014.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Odilon Caldeira Neto: Doutor em História. Professor adjunto, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Juiz de Fora, MG, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Gabinete C-IV-38, Rua José Lourenço Kelmer, S/Nº - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Odilon Caldeira Neto. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.



PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Fabio Morales

HISTÓRICO

Recebido em: 18 de abril de 2022

Aprovado em: 15 de julho de 2022

Como citar: CALDEIRA NETO, Odilon. O neofascismo no Brasil, do local ao global? *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 599-619, set./dez. 2022.

